

Resenha

Uma bíblia para a pseudociência ou um manual da farsa científica

PRACONTAL, Michel de. 2004. *A impostura científica em dez lições*. Título original em francês: *L'imposture scientifique en dix leçons*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo, Unesp, 454 p. ISBN 85-7139-521-7. R\$ 49,00.

Qualquer idéia, embora antiga e absurda, é capaz de aperfeiçoar nosso conhecimento. [...] o conhecimento de hoje pode, amanhã, passar a ser visto como conto de fadas; essa é a via pelo qual o mito mais ridículo pode vir a transformar-se na mais sólida peça da ciência.
Paul Feyerabend, em *Contra o método*

Trago como abertura um excerto de Michel de Pracontal, mestre em Matemática e doutor em Ciências da Informação, quando encerra os agradecimentos na apresentação do livro aqui resenhado. “Enfim, devo 22 francos ao dono da banca de jornais da esquina que amavelmente me cedeu uma revista feminina, cujo nome calarei, a fim de que eu pudesse verificar se meu horóscopo era favorável para a publicação desta obra no começo de 2001.” Dou este destaque aos agradecimentos, até porque sei que existe quem faça desta peça em uma dissertação ou em uma tese significativas inferências e também porque me pareceu algo atrativo para iniciar esta conversação, que no jargão acadêmico quer ser uma resenha, mesmo que desejasse fosse uma fala acerca de um livro que já tem no título sedução. Justificada essa transcrição, pergunto quantos de nós,

diante de tal relato, já não olhariam o autor e sua obra um pouco de esquelha. Sem pretender fazer juízo dos leitores ou leitoras desta recensão, poderia inquirir quem de nós, pelo menos uma *vezinha*, não espiou ou até se deixou influenciar por uma leitura de horóscopo.

Convicto de que uma resenha deva oferecer elementos para a decisão de ler ou não ler uma determinada obra, e mais, informar àqueles que não a lerão sobre o conteúdo da mesma, apresento uma interrogação capital: um livro como *A impostura científica* pode ser considerado imoral? Sim ou não, ou melhor, existem prós e contras numa obra como esta. É Pracontal que diz que difundindo as receitas das imposturas científicas, contribuimos para o desenvolvimento das mesmas (p. 17). Mas também as obstamos. Um público melhor informado deixar-se-á iludir menos facilmente. Acredito que ao lermos, em uma crônica policial, um bem urdido conto-do-vigário, pode haver dois aproveitamentos da leitura: em trapaça dessa natureza, agora, não caio; ou, aperfeiçoado tal detalhe, será possível pegar mais um incauto. Logo, *A impostura científica*, mesmo que minha metáfora seja trivial, pode se assemelhar a uma faca: esta serve para preparar um alimento, mas pode ferir ou até matar. Importa o uso que dela fizemos.

Mesmo que não possa oferecer nenhuma garantia de possíveis contra-indicações, ousou afirmar que *A impostura científica em dez lições* deverá ser muito mais útil para aprendermos acerca da ciência e vermos o quanto devemos ser críticos em nossas análises, até porque há um ponto crucial, e este reside na constatação de que a ciência e a técnica não fizeram recuar as crenças irracionais, e parecem até favorecê-las. Isso não é novidade: o auge da caça às bruxas ocorreu quando a Ciência moderna se consolidava, no século XVII. Parece salutar reconhecer que ter espírito científico acurado não é proporcional à quantidade de saber acumulado. Mas é provável que muito poucos leitores deste livro vão pensar em se aproveitar de alguns verdadeiros contos-do-vigário em uma dimensão diferente daquela que o autor nos oferece: algumas gostosas e até desconhecidas

mergulhadas na História da Ciência.

Parece muito provável que, por mais convicção que tenhamos na adesão às propostas copernicanas, prefiramos ser aristotélicos quando, em final de tarde outonal, nos assentamos às margens do lago Guaíba e assistimos ao cambiante do multicolorido que se desenha no céu, especialmente quando o sol se despede da terra. Gostosamente nos irmanamos ao senso comum e imaginamos algum amigo no Japão que esteja nesse mesmo momento vivendo quase um *avatar*, recebendo a chegada do astro-rei, que com a sua nova aurora como que traz a vida.

Quase diria que *A impostura científica em dez lições* nos conforta por muitas vezes laborarmos, no nosso cotidiano, no senso comum, até mesmo naquelas questões nas quais, na Academia, transitamos com bom senso. Isso o livro faz com maestria, a começar pelo aspecto jocoso como trata de algumas histórias da (des)construção do conhecimento, que são clássicas. O tom do livro pode ser inferido no excerto apresentado do agradecimento. Acrescento que há exagero em algumas piadinhas, postas em notas de rodapé, das quais necessariamente não precisamos achar graça.

A propósito, atribuir ao livro aspecto jocoso não significa tirar-lhe a seriedade. Pracontal, que é jornalista científico na França há mais de duas décadas, retoma, por exemplo, o polêmico (e por que não dizer o doloroso) caso Sokal,¹ que no final do século passado movimentou a comunidade científica, especialmente no estabelecimento de um quase duelo entre as assim chamadas ciências *hard versus* as ciências *soft*. Não repito aqui meus argumentos do quanto esta classificação é discriminatória e preconceituosa, mas aproveito e ratifico isso uma vez mais. Na esteira de um artigo-farsa, Alan Sokal escreveu com Jean Bricmont um livro com título muito semelhante ao aqui resenhado: *Imposturas intelectuais*.

¹ Mais detalhes no capítulo 18, *A farsa ou embuste Sokal*, p. 403-420, do *Alfabetização científica: questões e desafios para a educação* (Attico CHASSOT, 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2003).

tuais. Devo confessar que quando vi na livraria o título do livro de Pracontal, logo me veio à mente o caso Sokal; esta foi minha primeira motivação para adquiri-lo.

Não sendo possível, pela limitação de uma resenha, abordar cada uma das dez lições anunciadas no título, para incitação à leitura, vou apenas citá-las. 1) As verdadeiras perguntas, farás. 2) O teu nicho, com cuidado escolherás. 3) A Ciência oficial, achincalharás. 4) A mídia, com artes usarás. 5) Os fatos, manipularás. 6) A História, reescreverás. 7) Deus e os santos, honrarás. 8) Espíritos e demônios, invocarás. 9) Das armadilhas da linguagem, abusarás. 10) Algo irrefutável, jamais enunciarás. Cada uma destas lições, enunciadas como mandamentos, traz caso em que se pode dizer ter havido “*manipulação*” de algum fato ou alguma premissa. Todas as lições concluem com exercícios, que muitas vezes são desafiadores.

Parecem bem postas as discussões que estão na terceira lição (p. 134), quando analisa as ações daqueles que se opõem à ciência oficial - aquela que tem a legitimação dos pares - que a querem demolir não apenas porque pensam que têm melhores propostas para derrubar, por exemplo, a física clássica ou o darwinismo ou a biologia molecular, mas também porque vêem a ciência da maneira que Fayerabend² a acusou de ser uma nova Igreja mais dogmática e mais agressiva que as instituições religiosas - o que parece que já foi bastante superado no ocaso do século com posturas como a de Ilya Prigogine.³ Para Pracontal, os contemptores da ciência seduzem o grande público fazendo jogo de cena com três mitos conhecidos: 1) *o mito de que em ciência tudo é possível*, mito fortalecido pela apresentação simplista que a mídia faz das pesquisas e como são anunciados resultados espetaculares; 2) *o mito da revolução científica*, de que as grandes descobertas são realizadas sem nenhum esforço por um gênio - tipo Einstein metendo a língua -, que ao levantar de manhã propõe algo revolucionário; nessas situações se vê o quanto falta

² Paul FEYERABEND, *Contra o método*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
³ Prigogine (1917-2003) afirmava: “Só tenho uma certeza, as minhas incertezas.”

de conhecimento de uma História da Ciência; 3) *o mito do gênio desconhecido*: quando está desprovido de argumentos científicos, o impostor desloca a discussão como se quisessem reduzi-lo ao silêncio porque sua descoberta é avançada demais para a época.

Enquanto escrevo esta resenha, leio a notícia *Fraude leva cientista a perder título de doutor*,⁴ onde se relata que uma universidade alemã decidiu revogar o título de doutor de um renomado pesquisador acusado de falsificar dados enquanto trabalhava em um importante laboratório de eletrônica dos EUA. Já considerado um possível candidato ao prêmio Nobel, Jan Hendrik Schoen foi autor da “maior fraude na física dos últimos 50 anos”. Schoen, agora com 34 anos, foi demitido em setembro de 2002 do Bell Laboratories, em Nova Jersey, depois que um comitê externo concluiu que ele havia criado ou alterado dados 16 vezes enquanto trabalhava em pesquisas sobre supercondutividade em altas temperaturas e eletrônica molecular. Suas pesquisas foram publicadas em importantes revistas científicas como a *Science*, a *Nature* e a *Applied Physics Letters*. Um comitê de 12 professores da Universidade de Constance decidiu, depois de sua própria revisão sobre as pesquisas, revogar o título de doutor que Schoen obteve em Física em 1998. Em 2002, Schoen se defendeu dizendo que todas as suas publicações foram baseadas em observações experimentais. Na época, ele se mostrou confiante na possibilidade de que outros cientistas reproduzissem seus resultados. Entretanto, reconheceu ter cometido vários erros em razão da complexidade do trabalho. Mas, segundo Schoen, os erros só foram percebidos após as publicações. De acordo com a Lucent Technologies, empresa responsável pelo Bell Labs, este foi o primeiro caso de fraude nos 77 anos de história do laboratório, que, entre outras façanhas, desenvolveu o transistor em 1947. Talvez não se precise acrescentar nada a essa notícia diante da imensa decep-

⁴ Boletim Eletrônico da SBQ n. 512 de 16 de junho de 2004.

ção que nos acomete ao lê-la.

Mas volto ao livro, e reservo, para concluir, alguns comentários técnicos. Falta a *A impostura científica* um índice onomástico. Hoje, com a facilidade de se fazer tal índice com os editores eletrônicos, parece ser uma omissão não aceita em obra que apresente mais de uma centena de nomes diferentes. Um glossário – que parece ser uma quase exigência em livros que rompem as fronteiras disciplinares – mais amplo do que as quatro definições que são apresentadas na abertura ajudaria a leitura do livro. Talvez tenha faltado uma revisão mais atenta, não sei se no original ou na tradução, de certas datas, como aquelas que estão na p. 51. Algo bem posto, na edição brasileira, que às vezes se esquece em certas traduções, é indicar, das obras referidas, as edições em língua portuguesa, quando estas existem.

Ainda mais um elogio. A edição brasileira é da Editora UNESP. Repito aqui o que já disse quando resenhei o *Matando o tempo* de Fayerabend⁵: esta é, muito provavelmente, aquela que entre as dezenas de editoras universitárias tem uma liderança não só pelo seu excelente catálogo, que inclui títulos nacionais e estrangeiros escolhidos a partir de uma criteriosa seleção de obras de interesse no meio acadêmico, mas também pela preocupação com uma caprichada apresentação gráfica. Obrigado à Editora da UNESP.

Talvez como encerramento valesse recordar David Hume (1711-1776): “Se acreditamos que fogo esquenta e a água refresca, é somente porque nos causa imensa angústia pensar diferente.” Esta parece ser uma postura que pode ser recordada na leitura deste livro e em muitos outros de nossos fazeres cotidianos.

5 Matando o tempo, *Episteme*, v. 4, n. 8, p. 177-179, 1999.